

CORPO, MENTE E O PROCESSO PEDAGÓGICO

Luísa Carolina de Sousa e Herculano; Conceição Aparecida Vieira; Walkiria Carvalho.

Universidade Federal da Paraíba, codesc@prg.ufpb.br.

Resumo

Este trabalho resulta do estudo do texto Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico que, articulado com outros textos visa compreender a relação corpo e mente no trabalho docente. A pesquisa realizada foi apresentada na disciplina de Seminário Temático V, do curso de Pedagogia da UFPB, tendo como foco a corporeidade, a mente e os sentimentos na profissão docente, nosso objetivo é entender a função do Eros e Erotismo nessa profissão, a negação de que corpo e mente funcionam juntos e a crença de que apenas a mente funciona a partir do momento que os professores entram em sala de aula e suas implicações disto. Buscando alcança-los foi realizada uma pesquisa bibliográfica, exploratória descritiva, utilizando como instrumento um questionário para coleta de dados. Para interpretação dos resultados utilizamos a análise temática tendo como aporte teórico o texto base dessa discussão. Ao analisar as entrevistas vimos que, apesar dos relatos serem positivos em relação aos tópicos ainda há uma preocupação e um medo a respeito da questão sentimental e relação docente-discente. Permitir que esses façam parte desta ainda é visto negativamente e para que essa crença seja modificada é necessário que docentes empoderem-se e envolvam-se com os alunos/as sem medo, entendendo que primeiramente somos seres humanos e possuímos necessidades básicas e sentimentos e que isto deve ser usado a favor da docência, do ensino e da aprendizagem. Reverter o olhar do corpo na educação requer mudanças na forma de educar, envolvimento e lugar para os sentimentos.

Palavras-chave: Corpo, Mente, Docência, Eros, Eroticidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada para ser apresentada à disciplina de Seminário Temático V, do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB sendo ampliada contando com entrevistas realizadas com dois docentes através de questionário (obtido do DOCENTE 1 as respostas por escrito e do DOCENTE 2, as respostas registradas em áudio contando com uma transcrição fiel às suas palavras), tendo como foco a corporeidade, a mente e os sentimentos na profissão docente, temas minimamente discutidos nos cursos de formação de professores.

Durante nosso percurso no curso de Pedagogia só conseguimos vislumbrar a inexistência do pensar corpo e mente em sala de aula quando nos foi apresentado o texto citado acima e ao pensar sobre esse texto percebemos que aqueles pensamentos e situações do dia a dia do trabalho docente apresentado no texto podem e em algum momento vão acontecer conosco e nós, assim como bell hooks (2000), não tínhamos debatido sobre o assunto, então refletimos o quão importante é conversar sobre nossos corpos, sentidos e sentimentos no ambiente de sala de aula. O objetivo do trabalho é entender a função do Eros e Erotismo no trabalho docente, a negação de que corpo e mente funcionam juntos e a crença de que apenas a mente funciona a partir do momento que os professores entram em sala de aula e suas implicações disto.

Com a finalidade de sistematizar os pensamentos e apresentar alguns resultados sobre esse estudo dividiremos este artigo em quatro tópicos. Falaremos inicialmente de Corpo e Mente e em seguida faremos um breve histórico do início da discussão sobre corpo, mente e docência, apresentaremos o que vem a ser o Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico, a análise proveniente de pesquisa realizada com docentes do ensino superior, um do sexo feminino (DOCENTE 1) e um do sexo masculino (DOCENTE 2) e concluiremos nossas reflexões sobre o assunto.

(83) 3322.3222

contato@enlacandosexualidades.com.br

www.enlacandosexualidades.com.br

Corpo, mente e o processo pedagógico

Nas últimas décadas é possível observar, de acordo com Pereira e Bonfim (2006) que o interesse por estudos em relação ao corpo está em crescimento nos mais variados campos de conhecimento como a Biologia, Medicina, Psicologia, Educação e Educação Física, Filosofia, Antropologia, História, entre outras áreas. Para as autoras, os teóricos da educação não têm dado a devida consideração à importância da dimensão corporal e ao longo da História, a impressão que se tem é que o corpo, até pelas instituições de ensino, foi esquecido. Louro (2000) *apud* Pereira e Bonfim (2006), afirma que:

... essa é, usualmente, a primeira impressão quando observamos as mais consagradas teorias educacionais ou os cursos de preparação docente. E talvez não nos surpreendamos com isso, já que nossa formação no contexto filosófico do dualismo ocidental leva-nos a operar, em princípio, com a noção de uma separação entre corpo e mente (...) por isso, nós professores e professoras, entramos numa sala de aula como se apenas a mente estivesse presente, como se fôssemos, todos e todas, espíritos descorporeificados (p. 60).

O trabalho docente assim como Kuenzer e Caldas (2009) afirmam em um de seus estudos sobre formação docente, é um trabalho que ao mesmo tempo em que provoca uma desistência devido ao contexto vivido no ambiente profissional causado pela insegurança material e psicológica, também é um trabalho de resistência em que o docente apesar das dificuldades materiais, estruturais e de insegurança resiste por conta do prazer em ensinar, da realização pessoal em mediar o conhecimento e provocar em seus educandos a busca pelo mesmo.

Então é nesse ambiente de conflitos de classes, de ideias e ideais diferentes de jovens, sobretudo no ambiente de trabalho docente em nível superior aonde percebemos a dificuldade desses docentes em ser e estar dentro de sala de aula como um ser completo e não desconectado, distorcido entre corpo e mente. Essa dificuldade em se envolver com os educandos de forma plena é perceptível e o texto de bell hooks (2000), reforça que o medo advém da má interpretação desse envolvimento causando desconforto e até confundindo com assédio, o que provoca consequências terríveis a qualquer carreira docente.

Por outro lado esse não envolvimento docente/discente causa certa fuga e distanciamento dos discentes e conseqüentemente o desânimo e medo da profissão docente. O corpo é, no exercício da profissão docente, cheio de significados para os alunos e alunas, a postura física e os gestos são um convite à aproximação ou ao afastamento, permitindo ou não a compreensão da aula e do conteúdo ministrado fazendo com que o aluno ou a aluna questione mais ou menos. O prazer (Eros), a força, o desejo de estar em sala de aula sucumbe ao fazer docente robotizado ao qual é nós apresentado por alguns docentes nos bancos da graduação. É nessa perspectiva que conversamos com dois jovens professores do curso de Pedagogia da UFPB para analisar o que eles pensam sobre o corpo e mente em sala de aula, o prazer e o amor entre professor e educando, pretendemos pontuar os distanciamentos presentes em suas falas contribuindo assim para afirmarmos que existe de fato esse distanciamento e que são poucas as oportunidades de falarmos sobre "*Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico*" durante a graduação.

Buscando alcançar os objetivos do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, exploratória descritiva, utilizando como instrumento um questionário para coleta de dados. O estudo se deu no Campus I da UFPB e para interpretação dos resultados utilizamos a análise temática tendo como aporte teórico o texto base dessa discussão (bell hooks, 2000).

Para podermos falar sobre o contexto vivido pelos professores e expressar a complexidade do ambiente de sala de aula, eliminando os distanciamentos entre o corpo e a mente do professor, e, buscando na memória nossas vivências enquanto estudantes e nossa atual condição de pedagogas em construção precisamos distribuir nossos pensamentos entre ser estudante e ser professora. Esse exercício nos traz lembranças e nos faz questionar esse movimento de corpo e mente dos

distanciamentos de alguns professores, da amorosidade de outros, da forma de comportamento em sala de aula, do olhar professor-estudante, da sensibilidade para com os educandos e educandas. Este tema foi escolhido por sermos pedagogas em processo de formação e, portanto, por saber que serão questões que teremos que lidar, tomando como base as seguintes perguntas: Como irei me comportar diante da relação corpo e mente em sala de aula, tanto no que diz respeito a mim, futura docente, quanto no que diz respeito a meus educandos e educandas? Muitas vezes, encontramos algumas crianças que são mais inquietas, que parecem não conseguir sentar na cadeira, e reclamamos, forçamos-las sentar, mas será mesmo que é tão necessário assim que, em sala de aula, as crianças passem todo tempo sentadas na cadeira? Encontraremos também no ensino superior ou na Educação de Jovens e Adultos, pessoas que também são inquietas, com ideias e ideais diferentes dos nossos e como agir com esses estudantes? Se houver um aluno ou uma aluna mais inquieto ou inquieta, o que fazer para tornar essa situação propícia para o aprendizado? Como aproveitar essa característica e que tipo de atividade planejar e levar para as aulas? Esses poucos apontamentos nos envolvem em questões maiores como o que vamos tratar nesse texto, que nos propomos a escrever sobre o corpo, mente e o processo pedagógico. Verificando e afirmando esse distanciamento e a dificuldade dos docentes em lidar com seu corpo em sala de aula, hooks (2000) nos faz refletir sobre essa situação quando nos apresenta essa reflexão:

Nós, professoras e professores, raramente falamos do prazer de Eros ou do erótico em nossas salas de aula. Treinadas no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitos de nós aceitamos a noção de que há uma separação entre o corpo e mente. Ao acreditar nisso, os professores entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. (p.82).

Essa afirmação da negação do corpo, no ambiente da sala de aula, nos faz questionar e comparar o que vivemos atualmente e, de fato, concordar com o que a autora relata. Na escolarização, bem como em outros processos de socialização, o corpo foi e muitas vezes ainda é controlado de forma sutil, passando a ser desconsiderado em sua totalidade, vazio de significados nas salas de aula, porém o aluno e a aluna também é um corpo que se comunica e se expressa, através do corpo, nós nos comunicamos e transmitimos significados. A sala de aula torna-se um ambiente de distanciamentos entre o corpo e a mente. Para Lepargneur (1999) *apud* Pereira e Bonfim nada está separado e se não posso compreender meu próprio corpo terei dificuldade de compreender outras coisas, sendo preciso, além de adquirir, na universidade, conhecimentos relacionados aos componentes curriculares, adquirir conhecimentos que possam ser integrados à vida, para que seja possibilitado ao estudante que se desenvolva potenciais e possibilite a descoberta de si e do mundo ao seu redor.

O lidar com isso ou ao menos debater o complexo fazer docente, imbricados de uma atmosfera de encantamento, emoção e sexualidade raramente é ou não é discutido durante nossa formação, o que fortalece a falta de envolvimento entre professores e alunos e a sala de aula de maneira construtiva. Bonfim (2000) *apud* Pereira e Bonfim diz que a corporeidade não possui espaço na educação de terceiro grau e que um dos motivos disto é que falta produção acadêmica na área, sobretudo em relação à posturas metodológicas de ensino-aprendizagem, ainda estando muito presa a visão conceitual e instrumental. Freire (1990, p.14) *apud* Pereira e Bonfim diz que o corpo: “ficou reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará”.

Na mesma linha de pensamento, Silva (2003, p. 25) *apud* Pereira e Bonfim diz que: “o trabalho elaborado no interior das escolas desde há mais de um século, assim como em outras instâncias da atividade humana, busca criar o hábito de aprender a olhar, admirar e domesticar o corpo desde muito cedo”. Para Foucault (2002) *apud* Pereira e Bonfim, o corpo vai além da realidade biológica, é uma construção sociocultural, está presente na vida social e cultural de um povo, o professor também é corpo e para Garcia (2002) também *apud* Pereira e Bonfim, o corpo é o principal instrumento de trabalho do docente, sendo mais importante do que o material didático, à linha pedagógica ou que os recursos e fontes utilizadas.

É fato a existência do medo entre envolvimento profissional e envolvimento sentimental em sala de aula e essa confusão afasta os professores de seus educandos, provocando e aumentando o distanciamento e a fragilidade relacional no ambiente de sala de aula. Se eu enquanto docente não fui apresentada a experiências da complexidade da sala de aula, se não discutimos o amor entre professores e estudantes, o respeito, o corpo e suas sensações, se não discutimos o todo envolvido no teatral fazer docente estaremos robotizando nosso fazer docente e com isso distanciando a aprendizagem significativa e o prazer em estudar e ensinar, em mediar a relação do estudante com o conhecimento de forma sólida.

Corpo e Mente

Corpo é uma palavra de origem latina *CORPUS* que significa corpo, forma, aparência, aparecer; e **Mente** de acordo com o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (1986), significa faculdade da alma; espírito; intelecto, disposição; imaginação; intuito; aspecto psicológico das funções biológicas do organismo [...] e ambos estão interligados. Segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2016), o corpo expressa e carrega características físicas e biológicas, marcas de nosso pertencimento social que influencia em quem somos e nas experiências que temos em relação ao gênero, à etnia, à classe, à religião e à sexualidade.

Com nossas vivências é possível perceber que o trabalho docente ainda é exercido como se apenas a mente estivesse presente em sala de aula e o corpo não, como se não existisse no ambiente escolar e acadêmico lugar para os sentimentos, a paixão, o amor sendo inexistente nesses ambientes a discussão sobre o prazer.

Eros e Erotismo e o processo pedagógico

Segundo Freud, Eros é o impulso vital, um dos instintos primários e principais que são responsáveis por determinar o comportamento humano. A energia psíquica refere-se como libido. A palavra Eros abarca tudo o que está relacionado ao prazer (a exemplo o contato físico, a alimentação, a energia, o movimento e a alegria) e não apenas o desejo sexual. Se Eros inclui tudo que está relacionado ao prazer, por que aprendizagem, envolvimento e prazer não podem andar juntos? Por que professores e professoras ainda fazem tanta questão de que os estudantes fiquem em suas carteiras sentados como se fossem robôs, como se não tivessem a necessidade de se movimentar? Por que não utilizam a energia dos estudantes a favor da aprendizagem? Por que professores e professoras não podem ou não buscam obter prazer na vida pessoal e profissional?

Na escola e na academia é esperado de estudantes e docentes que estes produzam, publiquem, tenham boas notas, tenham um bom desempenho e que a docência seja exercida de modo frio, desapaixonante. Professores e professoras, assim como qualquer outro profissional, são seres corporificados e costumam entrar em sala de aula decididos/as a negar seu corpo e apenas dar atenção à mente, reforçando para si e para as pessoas ao seu redor que não há lugar para o amor no ambiente escolar. Professores e professoras têm medo de amar os seus educandos e de serem amados por eles. Temem o envolvimento, pois ainda há a crença de que esse amor é aquele ligado ao desejo sexual, às relações íntimas, fazendo com que esses profissionais blindem suas relações sociais como uma forma de se proteger e tornem seu trabalho distanciando das relações humanas.

Diante desse processo de distanciamento podemos elencar prejuízos para o fazer docente e, conseqüentemente, esses prejuízos refletem no contexto educacional como, por exemplo, o desinteresse dos estudantes pelas aulas de determinado professor e em relação ao professor ou professora o desinteresse em investir na sua formação, fazendo com que este independente de quantidade de anos de experiência se encontre preso na fase de Serenidade e de Distanciamento Afetivo de acordo com os estudos de Huberman (apud LOUREIRO, 1997). Tais estudos apresentam características como o desinteresse em mudanças e o afastamento da afetividade, denotando o que podemos presenciar nos nossos docentes e podemos inferir sobre essas posturas como o medo de se

envolver, de se dedicar e de construir relações afetivas com seus educandos. Isso pode não ser uma característica, conforme o estudo da fase de final de carreira, porém o que percebemos é que esse medo do envolvimento, esse distanciamento ocorre em qualquer fase, necessitando buscar esse (Eros) perdido na burocratização do trabalho docente.

Somente rompendo com o medo do fazer docente apaixonado, do envolver pleno do corpo e mente na sala de aula é que a Educação propiciará uma formação humanizada, crítica e transformadora. Esse movimentar transformador não é fácil, é romper com o que foi aprendido durante toda a formação, é reinventar, é permitir se envolver e abrir-se às relações humanas sem dogmas de qualquer natureza. Nós estudantes temos que nos fortalecer, romper com esse modelo formativo e estimular nossos professores à transformação do seu saber docente, a envolver-se buscando um saber significativo.

Nessa tentativa de compreender e debater sobre a relação entre Corpo e Mente e o processo pedagógico é que se dá a pesquisa que veremos as análises. Pesquisa esta que realizamos com dois docentes adultos jovens que lecionam no curso de Pedagogia da UFPB analisando o que eles pensam sobre o corpo e mente em sala de aula, o prazer e o amor entre professor e educando, o fazer docente apaixonado. Pretendemos pontuar os distanciamentos presentes em suas falas contribuindo assim para afirmarmos que existe de fato esse distanciamento e que são poucas as oportunidades de falarmos sobre “*Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico*”, durante a graduação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que os docentes do ensino superior têm a dizer sobre esse assunto:

Os dados coletados, apresentados e analisados a seguir, em pesquisa feita com docentes do ensino superior tiveram por base os seguintes tópicos: Trabalho docente e o corpo, negação do corpo ao longo do tempo, corporificação do ser professor, prazer no trabalho e na vida, amor entre professor e estudante e mudança e empoderamento (o processo de inserção na sala de aula, o início da carreira docente e esta atualmente). Diante dos tópicos, obtemos da DOCENTE 1 (um) e do DOCENTE 2 (dois) as seguintes respostas:

(DOCENTE 1) Trabalho docente e o corpo: “O trabalho docente requer o uso do corpo desde forma de expressão e comunicação até o corpo como elemento para a interação entre professores e estudantes. A execução do trabalho docente também exige uma reeducação corporal e postural para evitar o desenvolvimento de doenças laborais.”

Negação do corpo ao longo do tempo: “A ideia de que o trabalho docente é um trabalho intelectual, por vezes, o corpo não participa desse processo. Não nego a participação do corpo no meu trabalho, usando-o como expressão que comunica e que interage com os estudantes na tentativa de levá-los à compreensão das informações e à aprendizagem. O corpo também expressa entusiasmo e afeto que são elementos fundamentais ao processo de ensino e aprendizagem.”

Corporificação do ser professor: “Me entendo e realizo minha ação docente como ser completo (corpo e mente).”

Prazer no trabalho e na vida: “Gosto da minha profissão e a realizo com prazer. Procuo entusiasmar os estudantes e revelar por meio do meu cuidado e zelo pelo trabalho o valor da educação e o significado da aprendizagem, como processo fundamental para nosso desenvolvimento ao longo de toda a vida.”

Amor entre professor/a e estudante: “Reconheço a afetividade necessária entre professor e estudante como elemento importante para a aprendizagem. Como é próprio da natureza humana, pode ocorrer o desenvolvimento de vínculos de amizade e de relacionamento afetivo. Não considero eticamente adequado o envolvimento amoroso entre professor e estudante”.

Mudança e empoderamento (o processo de inserção na sala de aula, o início da carreira docente e esta atualmente): “O início da carreira é marcado pela insegurança, mas, também pela empolgação e pelo desejo de fazer o melhor. Iniciei muito jovem e a sala de aula era um espaço desafiador. A experiência vai agregando elementos e modificando a postura, trazendo um equilíbrio entre rigor e flexibilidade, autoridade e autoritarismo, distanciamento, amizade e respeito mútuo,

aperfeiçoamento da prática educativa, aprofundamento e sistematização do conhecimento especializado, reflexões éticas importantes. Atualmente, após mais de vinte anos de carreira, percebo que a docência se constrói e se reconstrói diariamente. É um processo de avanços e retrocessos que nos constitui como profissional e como ser humano”.

(DOCENTE 2) Trabalho docente e o corpo, e negação do corpo ao longo do tempo: “Na verdade, particularmente, não compartilho muito com essa, digamos, observação da forma como está, né? Acho que o professor queira ou não ele, pelo menos no meu caso, eu fui, eu digo que sou um professor a moda antiga né? Porque eu, em geral, uso o corpo e incluo a entonação de voz como espécie de encenação de um personagem, num é? Então, por mais que haja uma valorização maior obviamente das questões mais mentais né e intelectuais, mas eu utilizo, pelo menos eu trabalho o corpo desta forma também né? Quase que de uma forma um tanto quanto teatral, pra em última instância conquistar, digamos o público, num é? Então eu diria que isso seria uma coisa do professor à moda antiga digamos.”

Corporificação do ser professor e amor entre professor e estudante: “É... tem uma fala muito cultuada digamos na Pedagogia que é, acho que é mal interpretada, que é essa coisa de educar é um ato de amor né? Tem umas bases até filosóficas, se você pegar Hannah Arendt, coisa de amor ao mundo e tal, só que é muito mal interpretado isso. Em tese, a relação, ‘cê’ num precisa ter uma relação é, digamos pessoal com o educando né? Com o aluno, com o estudante, é, a relação ela, em tese, ela deveria ser mais mediada pela, pelas funções com que as pessoas desempenham do que basicamente por essa relação mais pessoal, ainda que não seja ruim né que isso ocorra. Mas eu num entendo que ela deva ser a base, esse tipo de interpretação sobre a atuação e o amor do estudante etc. etc., eu acho que é, acaba meio que até distorcendo um pouco o fazer profissional né? E em relação a essa coisa mais, até sexual né, que pode acontecer entre professor e estudante, eu acho que o parâmetro é um pouco o mesmo né? De certa forma são relações ali institucionais que envolvem desejos, paixões, ações né? Mas são relações que acima de tudo devem ser mediadas né, digamos, pelas funções que cada um desempenha, eu acho que é importante um certo respeito em relação a isso com um certo foco em relação a isso pra evitar digamos distorções né no processo.”

Prazer no trabalho e na vida: “Tem um elemento desse prazer do trabalho e na vida que eu acho interessante do ser professor, principalmente da educação superior quando ‘cê’ geralmente tem uma turma por semestre, eu diria que é uma dimensão quase que antropofágica da juventude né? Eu entrei na universidade eu tinha 24 anos, agora sou bem mais velho né? A, mas eu continuo com alunos e alunas, estudantes de 18, de 19, então eu costumo dizer que isso é uma grande vantagem, é como se você em cada semestre bebesse um pouco de uma nova juventude né? Que são os estudantes e, isso é uma dimensão digamos, imagino né, quanto mais o tempo passa mais velho eu vou ficando, mais maduro eu vou ficando enquanto professor, mas eu espero não perder esta dimensão sabe, de beber de uma certa juventude que todo semestre se renova, isso daí é interessante.”

Mudança e empoderamento (o processo de inserção na sala de aula, o início da carreira docente e esta atualmente): “E por fim falar dessa coisa do empoderamento, do antes e do depois, do agora melhor dizendo né, na verdade é isso, eu entrei muito jovem digamos no ensino superior e hoje mais maduro, mais velho, ah, eu tenho uma dimensão ainda muito bacana eu acho, que é a sala de aula ela renova o espírito né? Quando você tem uma boa turma, sempre pensei uma coisa que um professor meu dizia quando eu era da graduação, num existe um bom professor, existe um bom professor com uma boa turma, num é? Porque a boa turma é que faz você de certa forma a ter essa vivacidade, né? Esse interesse ainda por dar aula e por, ah, no meu caso como tenho outras atividades também administrativas e tal, acho que pra mim a sala de aula é um espaço, é, um espaço de trabalho, mas ao mesmo tempo um espaço de criação, de renovação, de encontros né, e, e eu gosto muito disso, eu sempre falo que a melhor coisa e a pior coisa da nossa profissão é lidar com gente né, e nesse sentido, pelo menos pra essa fala, essa dimensão de lidar com pessoas é muito, tem um lado muito positivo num é, tem um lado muito entusiasmante digamos, eu acho que esse entusiasmo eu não perdi, claro né, tenho mais experiência, consigo digamos, desenvolver processos avaliativos de forma muito mais segura tal, mas eu acho que ainda tem esse elemento que é um elemento que eu não quero perder, que

é a possibilidade de me encantar né, com o novo e com as pessoas que semestralmente vão chegando e vão ocupando esses espaços na minha vida né, como profissional e como pessoa.”

Conferindo e analisando as respostas dos docentes entrevistados podemos inferir que, no que diz respeito sobre trabalho docente e o corpo, a docente 1 (um) compreende que o exercício da docência necessita de utilizar o corpo, pois este é um elemento para se expressar, comunicar e interagir com as pessoas, sejam docentes ou discentes, indo além, possuindo a consciência de que é necessário um cuidado com o corpo, com a postura de forma que doenças possam ser evitadas. A entrevistada compreende que mente e corpo estão ligados, pois faz parte de um todo que forma o ser humano e não enfrenta o processo de negação de seu corpo ao estar em sala de aula, usando-o com o objetivo de facilitar o aprendizado de seus alunos, ao expressar através desse entusiasmo e afeto.

Ao falar sobre o prazer no trabalho e na vida (Eros), a docente afirma gostar da profissão e a realiza com prazer, mostrando assim que aprendizagem, docência, envolvimento e prazer podem estar interligados. No tópico amor entre professor e estudante, a docente afirma reconhecer que a afetividade é necessária entre estes para fortalecer a aprendizagem e compreender que vínculos afetivos e de amizade podem vir a ocorrer entre docente e discente, porém também mostra que, ao afirmar que não concorda com o envolvimento amoroso entre professor e estudante, ao tratar sobre o assunto ainda é muito forte a ideia que as pessoas possuem de que esse amor está voltado para envolvimento sexual, pois amar os estudantes na academia ainda é visto com maus olhos e de forma suspeita havendo a crença de que os sentimentos impedem uma avaliação justa do discente por parte do docente e que este corre o risco de privilegiar uns por ter uma relação mais próxima e prejudicar outros com quem não tenha tanta aproximação, cuja relação seja mais distante.

Sobre o tópico mudança e empoderamento, a professora afirmou que o início da carreira docente vem acompanhado de insegurança, mas também de empolgação pela vontade de dar o melhor de si, fazer da melhor forma possível, ou seja, ela mostra que o prazer (Eros) está presente, apesar dos impasses, dos medos, receios e desafios que o início de carreira traz e finaliza afirmando que:

“A experiência vai agregando elementos e modificando a postura, trazendo um equilíbrio entre rigor e flexibilidade, autoridade e autoritarismo, distanciamento, amizade e respeito mútuo, aperfeiçoamento da prática educativa, aprofundamento e sistematização do conhecimento especializado, reflexões éticas importantes. Atualmente, após mais de vinte anos de carreira, percebo que a docência se constrói e se reconstrói diariamente. É um processo de avanços e retrocessos que nos constitui como profissional e como ser humano.”

Já o segundo docente entrevistado, sobre o tópico “trabalho docente e o corpo, e negação do corpo ao longo do tempo” mostra, em sua fala que não concorda com a afirmação de que os professores ao entrarem em sala de aula fazem essa negação e que querendo ou não esses se utilizarão do corpo, fazendo-nos concluir que sua opinião é que esse processo pode ocorrer com o professor de forma inconsciente, sem que este perceba. O professor entrevistado afirma que concorda que há uma maior valorização da mente no exercício da docência, mas que faz uso do seu corpo e voz em seu trabalho.

Sobre o ponto “corporificação do ser professor e amor entre professor e estudante” ele afirma que a relação com o estudante não deve ser tão mediada pelas relações pessoais, que o docente não precisa ter uma relação pessoal com o discente, embora não veja como negativo o fato de isto ocorrer. Entretanto, que essa mediação deve ocorrer através das funções desempenhadas pelas pessoas com o objetivo de evitar confusões e distorções. Sobre “o prazer no trabalho e na vida”, o relato do professor mostra que Eros está presente no seu exercício profissional, ainda que ele aparente não ter consciência dessa relação Eros-prazer-vida docente. Podemos verificar e comprovar isso através da sua fala e perceber que há paixão nela ao falar da docência, da sala de aula, das turmas e dos alunos.

No que diz respeito à mudança e ao empoderamento, o professor mostra focar na profissão, não falando sobre o lado pessoal do crescimento ao afirmar que entrou jovem na docência e que agora possui mais experiência, afirmando, por exemplo, que desenvolve processos avaliativos com mais segurança. Por fim, podemos ver que, apesar dos relatos dos professores serem positivos em relação

aos tópicos ainda há, por parte destes, uma preocupação e um medo a respeito dessa questão de sentimentos e relação docente-discente, em alguns momentos, podendo causar repulsa, rejeição.

E principalmente quando se fala de amor entre professor e estudante não se questiona que amor está se falando. Nenhum dos professores questionou se nos referíamos ao amor entre professor e estudante no sentido de amizade, de respeito e admiração, o amor por um mestre, um pai ou um irmão ou o amor no sentido do envolvimento amoroso e sexual. Muitos professores não conseguem perceber o que eles representam para seus educandos. O medo de amar, de aproximar-se ainda torna esse amor essencialmente puro difícil de acontecer diante da nossa realidade.

CONCLUSÕES

Ao longo do tempo foi cerceado no trabalho docente que o prazer era algo fora da realidade da sala de aula, apesar de esta condição não ser real, já que o indivíduo é o conjunto de mente e corpo, pensamentos, libido e Eros. Em nossa realidade, assim como no texto base deste trabalho constatamos certa frieza na forma como o processo pedagógico se corporifica no ensino superior e que essa realidade é difícil de ser mudada, pois nós, estudantes, nos encontramos nessa dualidade entre corpo e mente e dificilmente nos permitimos nos envolver, além da “deglutição” de conteúdos. Para que o olhar do corpo na educação seja revertido é preciso que o educador e a educadora insiram-se em um novo paradigma de educar em uma visão de totalidade, em que o conhecimento é interdependente, está interligado e não é fragmentado. Faz-se necessária mais paixão por parte dos professores e professoras para com seus educandos e educandas, mais paixão no ensinar os conteúdos estabelecidos, é preciso aulas que inspirem transformação, mas também que, conforme verificado nos relatos dos professores entrevistados, haja lugar para os sentimentos, para o envolvimento.

Permitir que os sentimentos façam parte da relação docente-discente ainda é visto como algo ruim e que não deve ocorrer, e para que essa crença seja modificada é necessário por parte de professores e professoras que esses e essas passem por um processo de mudança, empoderamento, crescimento e de confiança que possibilite o envolvimento com os alunos sem medo, entendendo que ele ou ela é, antes de tudo um ser humano, que possui necessidades básicas, possui um corpo e que portanto sente, como qualquer outra pessoa e isto não deve ser negado, mas sim, usado a favor da docência, do ensino e da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. BUENO, Francisco da Silveira, 1898. 11. Ed./10.^a tiragem – Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LOURO, G.L.; WEEKS, J.; BRITZMAN, D.; HOOKS, B.; PARKER, R.; BUTHER, J. **O CORPO EDUCADO: Pedagogias da sexualidade.** Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2^a Edição, Belo Horizonte – MG 2000.

KUENZER, A. Z.; CALDAS, A. **Trabalho docente:** comprometimento e desistência. In: FIDALGO, F.; OLIVEIRA, M. A. M.; FIDALGO, N. L. R. (Orgs.). *A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade.* Campinas, SP: Papirus, 2009.

LOUREIRO, M. I. O desenvolvimento profissional dos professores. In: ESTRELA, M. T. (Org.) **Viver e construir a profissão docente.** Porto: Porto Editora, 1997. p. 119-157.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; Cristina Caz. **Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas.** Campinas, SP: Editora Papirus, 2008.

Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em 30/09/2016.

BORGONI, Daniel. Mente e corpo um dilema. Disponível em:
<http://www.infoescola.com/filosofia/filosofia-da-mente/>. Acesso em 30/09/2016.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/DLPO/corpo>. Acesso em 30/09/2016.

Origem da palavra Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/corpo/>. Acesso em 30/09/2016.

UOL Educação Pesquisa escolar. **Sigmund Freud e a Psicanálise.** Disponível em:
<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/psicanalise-a-mente-segundo-a-teoria-de-sigmund-freud.htm>. Acesso em: 30/09/2016.

Wikipédia, A Enciclopédia Livre. **Eros (psicanálise).** Disponível em:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Eros_\(psican%C3%A1lise\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eros_(psican%C3%A1lise)). Acesso em: 15/07/2017.

PEREIRA, Lucia Helena Pena; Patrícia Vieira Bonfim. **A Corporeidade e o Sensível na Formação e Atuação Docente do Pedagogo.** Contexto e Educação, ano 21, n° 75, Jan./Jun. 2006.